

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

**“APRENDI NA SAPUCAÍ”. UM ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE O USO
E MOBILIZAÇÃO DA HISTÓRIA NOS DESFILES CARNAVALESCOS DE
LEANDRO VIEIRA.**

João Gonzales Moreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de
Professores (UERJ - FFP)

Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS)

Discente da turma de Doutorado de 2021

Email: jotagonzahisto@gmail.com

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“Aprendi na Sapucaí”. Quantos significados essa fala traz consigo? Em experiências sociais, festivas, culturais e/ou políticas, as questões e os aprendizados podem ser múltiplos (as), carregados (as) de subjetividades e voltados (as) para efetivas ações e reações. Apontando essa potente frase para o debate entre Ensino de História e História Pública, a pergunta que se coloca de forma mais latente seria: é possível aprender História no carnaval carioca? Eis o que move esse artigo, fruto da apresentação de trabalho no Simpósio Temático nº 44, intitulado “Ensino de História e História Pública”, organizado pelos professores Rodrigo de Almeida e Osvaldo Rodrigues, do 31º Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História (ANPUH), no ano de 2021.

A discussão proposta neste artigo não encerra o debate sobre o tema. Pelo contrário ela estimula o desenvolvimento de novos questionamentos e direções para a presente investigação. Inicialmente a ideia era promover a apresentação do meu projeto de doutorado. Contudo, devido a revisões já feitas ao mesmo a partir de encontros de orientação, ao cumprimento e participação em disciplinas e ao acréscimo de leituras e questionamentos, o plano foi alterado. Intenciono aqui apresentar três apontamentos: o elemento que motivou a continua exploração dessa temática a partir do que fiz no mestrado, a documentação que sustentará boa parte da presente pesquisa e o conceito norteador da investigação.

De qualquer maneira é certo que meu interesse tem sido e permanecerá sendo analisar a mobilização dos saberes históricos levados à Marquês de Sapucaí nos enredos do carnavalesco Leandro Vieira pelo GRES Estação Primeira de Mangueira. Procurarei refletir sobre o impacto e a repercussão sobre o público de foliões e espectadores das questões históricas trazidas pelas escolas de samba durante o carnaval. Para além disso, mais do que se importar com a autoridade de quem discursa nos desfiles carnavalescos, o que já seria um intento de grande valor, me interessa verificar os contornos e caminhos percorridos por esses intérpretes, mais especificamente, o Leandro Vieira.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Escolher participar desse ST, pensando a temática da minha pesquisa e os meus objetivos diante dela, responde a uma necessidade particular de aproximação, circulação e colaboração em relação aos meus pares. Esses seriam elementos típicos de quem pensa em investir no estudo e divulgação de história(s). Tem crescido o debate envolvendo apropriações do conhecimento histórico. Diferentes personagens, de diferentes formas, têm se apropriado da história. Como não nos cabe o monopólio da história, que essas e outras reflexões e propostas contribuam para reafirmar o valor da escola e dos professores, seu protagonismo e prontidão perante as necessidades políticas e sociais.

Carnavalesco: Ator, autor e gestor¹

Como se imagina e enuncia, o carnavalesco, antes de mais nada, é quem constrói a poesia, o roteiro e a estética dos desfiles de escola de samba. As narrativas apresentadas e justificadas na Avenida são por ele elaboradas. São chamados de carnavalescos, mas é bem provável que o carnaval, para eles, tenha um caráter menos festivo e mais tenso. É um entre poucos que levam o carnaval como ofício, trabalho. Detalhes podem levar suas respectivas carreiras ao desastre e descrédito. Por falar em crédito, eles são profissionais com fama limitada. No período que envolve a festa, um pouco antes e depois da mesma, são vistos em programas televisivos, programas de rádio, tem espaço aberto na mídia. Na maior parte do tempo do seu trabalho lhe é garantida fama e atenção “apenas” no meio do Carnaval e nas agremiações e comunidades que defendem.

Acredito que estes têm de ter estopo para sustentar responsabilidades e pressões de variados lados: da agremiação, que lhe cobra beleza, competência e resultado, dos torcedores, que esperam identificação e vibração, do júri e críticos do carnaval, que lhe cobra coerência e clareza, dos espectadores da festa, que lhe cobra emoção e entretenimento, entre outros. É certo que cada profissão tem suas complexidades e não

¹ Parte das reflexões aqui propostas foram desenvolvidas e apresentadas na minha dissertação de mestrado, defendida pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de História (PPGEH) do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano de 2020, intitulada “‘Só com a ajuda do santo’: o enredo como aliado para uma proposta de ensino intercultural de História”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

queremos vitimizar ninguém. Contudo há de ser considerado que este profissional tem de ser um artista multifacetado.

Assim sendo identifico uma possibilidade de análise da figura do carnavalesco como sendo ator, autor e gestor de um processo complexo, o desfile de escola de samba. Tendo, agora, a pensar uma possível aproximação, involuntária por parte dos envolvidos, entre o carnaval e o ensino, entre o carnavalesco e o professor. O tema carece de uma investigação mais calma, precisa e duradoura. Porém, considerando especificamente uma etapa do trabalho do carnavalesco, a elaboração de um roteiro para o seu desfile, considerando o seu trabalho de pesquisa e organização de uma narrativa, acredito ser possível encontrar nisso elementos presentes no ofício do professor, já que ele também elabora e promove tais ações.

Sob esta perspectiva justifico o “ser ator” (ele atua fortemente no meio em que está inserido), o “ser autor” (ele tem a autoria do processo, é um agente inventor, mesmo que por vezes compartilhada) e o “ser gestor” (ele tem que gerenciar situações que extrapolam seu alcance). Falo de quem nesse caso? Do carnavalesco ou do professor? Minha experiência enquanto professor de História me habilita a assumir essas facetas. Acredito que algum carnavalesco possa vir a assumir também essas titulações. Não poderia estar falando de ambos? Eis a questão que este trabalho apresenta, eis o encanto que norteia sua elaboração, eis uma chave de esperança em prol de um ensino mais lúdico, democrático e impactante.

Pensando o ensino de História me recordo de uma discussão antiga, no campo da historiografia, mas ainda muito fértil no senso comum sobre a função da História e útil a proposta de análise dessa seção, a aproximação dos dois personagens, o carnavalesco e o professor. A história como conhecimento já possuiu, e ainda possui para muitos, um caráter magistral, pedagógico e exemplar. Heródoto, Tucídides e Cícero nos confirmam tal importância e utilidade deste saber. Hannah Arendt (1992), tendo o mundo ocidental como ponto de partida, quando trata do conceito antigo de história, nos mostra ter tido a história na Antiguidade a função de possibilitar a imortalidade dos homens, ao dizer que “a tarefa do poeta e do historiador (...) consiste em fazer alguma coisa perdurar na recordação” (ARENDR, 1992, p. 74). A autora cita ser característico daquele homem a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

preocupação com a grandeza. A ideia era conectar os conceitos de história e natureza, sendo o primeiro a ferramenta que permitisse ao homem a imortalidade do segundo.

Na obra referida, Hannah Arendt segue seu discurso apresentando uma concepção moderna de história, diferente desta que leva em vista entre outras coisas, o conceito de secularização como vital para uma nova concepção de sentido e realidade, afastando o divino da relação homem e tempo, homem e natureza, mas que não adentraremos neste artigo. Nos importa reafirmar aqui a possibilidade de pensar os desfiles como foi por muito tempo pensada a ciência História: magistrais, exemplares, com pretensões de imortalidade².

Sendo o carnavalesco, aquele que didatiza determinado assunto, enredo ou narrativa, a questão que fica é o alcance ao grande público desta mensagem. Por ser obra artística, a apresentação do desfile possui na sua natureza alto grau de subjetividade. Nem sempre é possível identificar com clareza as intenções contidas na alegoria, no posicionamento, na cor, no destaque, na indumentária, no adereço, nos elementos gerais do desfile. Por parte do carnavalesco e da agremiação, existe uma preocupação profunda em ser claro para o julgador. Mas e para o público espectador? E para os desfilantes, a comunidade que materializa e incorpora as ideias destes artistas? Quais são as reais preocupações do carnavalesco em relação a isso? Qual é a responsabilidade da Liesa nessa questão? Até que ponto as transmissões de TV se interessam e/ou contribuem para essa confusão ou elucidação? Indo além: qual é a real intenção do público espectador? É seu interesse ir para a Avenida aprender? Estariam errados aqueles que pensam “apenas” em se divertir na Avenida? Tais assuntos são complexos e importantes de serem pensados. São questões, limites e desafios efetivos no ofício do carnavalesco, na festa como um todo.

As propostas, intenções e representações do carnavalesco são de fácil acesso se considerarmos o que está exposto no “Abre Alas”. Estes livros, ainda carentes de maior

² Há um perigo e um detalhe quando tocamos tal debate: não é essa, necessariamente, a intenção de quem promove e experimenta o carnaval. Essa seria uma possibilidade e intenção levantada pelo autor do trabalho, apenas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

apropriações e análises, indicam as ideias, escolhas e justificativas daqueles que são os responsáveis pela elaboração da narrativa dos desfiles carnavalescos.

*Abre Alas: o detalhamento do desfile carnavalesco*³

Werle (2017) aponta que “a construção de uma história pública passa pela questão da acessibilidade documental”. Tentando projetar para o alcance de quem consome e experimenta carnaval as justificativas elaboradas pelo Leandro Vieira para suas escolhas, esta pesquisa se apoia no “Abre Alas”.

Todo ano as agremiações que participam dos desfiles do grupo especial precisam entregar à Liga que regulamenta e organiza os cortejos uma espécie de dossiê com todas as informações acerca do que será apresentado na Avenida. “Abre Alas” é o nome dado ao documento que apresenta, organiza e justifica os desfiles das escolas de samba. Eles são entregues pelas agremiações a Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa) que os organiza num formato de livro. Por ano, são publicados dois livros, um para cada dia de desfile. Estes livros são utilizados pelos julgadores e os auxiliam na avaliação das apresentações. Os espectadores também têm acesso aos mesmos, pois são publicados na internet, no site da Liesa, bem próximo ou então posteriormente ao desfile. Eles também ficam fisicamente disponíveis ao público no centro de memória da Liesa.

Estes livros, entre muitas outras possibilidades de leituras e críticas, revelam dois elementos importantes sobre a festa: a questão da coletividade na promoção do espetáculo e a importância do mistério/segredo como elemento constitutivo dos desfiles.

O número de componentes de um desfile provoca diversas reações quando divulgados: 3000 pessoas, 3500 pessoas, 4000 pessoas... Bom ressaltar: pessoas das mais variadas idades, intenções, funções e posições sociais, inseridas em carros alegóricos ou organizadas em fileiras de desfilantes, todas elas com um limite de tempo para cruzar a Avenida Marquês de Sapucaí. Mesmo sabendo sobre os meses de ensaio torna complexo

³ Mais uma vez apresento algumas reflexões desenvolvidas na dissertação referida.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pensar o bom funcionamento disso tudo mediante as tensões, cobranças e contingências típicas de um desfile.

A chave de entendimento dessas questões passa pela questão da organização, do trabalho coletivo e comunitário. Os altos graus de passionalidade e permissividade envolvidos nos desfiles também servem para tal entendimento. Mas é impossível pensar o sucesso de uma apresentação conferindo a uma só pessoa os louros e louvores. Em escola de samba a lição número um é a ciência de que não se desfila com um só folião. O Abre Alas destaca desde o membro mais velho da ala dos compositores até o nome do diretor de bateria. São vários os personagens explícitos e ocultos que participam destes espetáculos.

Entre o público espectador e conhecedor do carnaval, a publicação desses dossiês é recebida com grande entusiasmo. A expectativa é, através da leitura, entender a concepção de desfile das agremiações. Foram meses de expectativa/ensaio/trabalho até chegar o dia do desfile! Existem aqueles que preferem primeiro ver o desfile e depois ler o documento. Ou o contrário. Ou ainda essa leitura é ignorada. Enfim, o que quero dizer é que o mistério cerca a festa de forma muito intensa. Qualquer brecha dada pelas agremiações que permitam ao seu público ver o que compõe o desfile é aceita de muito bom grado. O desfilante, por exemplo, quando recebe sua fantasia, além de se impactar com a sua veste, se propõe a assinar termos de confidencialidade, sob o risco de perder a chance de desfilar caso exponha antes do momento do desfile a sua roupa. O espectador geral, por sua vez, por vezes vai até a Avenida Presidente Vargas para conferir as alegorias estacionadas da sua e das demais escolas antes de compor os cortejos. Os barracões, por meio dos seus diretores e funcionários, são cercados também de proteções para que não escape nada a imprensa, a curiosos ou rivais. Ou seja, o mistério dá um tom instigante ao espetáculo.

Justifico minha escolha no uso do Abre Alas como corpus documental pois penso que nele é onde o artista revela, na teoria, suas concepções, metodologias e ideias. Existe sim a distância entre projeto/plano e realização: uma iluminação pode falhar, outros muitos acidentes podem acontecer e o que é apresentado se tornar diferente do que foi inicialmente projetado. Contudo reconheço muito a importância do planejamento, do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

projeto, da apresentação prévia de ideias e intenções. Pesa também na minha escolha o fato desse material ser pouco usado fora do ambiente das escolas de samba e da Liga: muitos apaixonados pela festa não conhecem sua existência, o que torna curioso e complexo o tema. Se o segredo acerca desse material se encerra no momento dos desfiles, se esse material é publicado, que ele de fato encontre públicos e seja usado e ressignificado por estes. Além disso, escolho o Abre Alas pois, a partir do meu olhar sobre ele, vejo que existe algo nele bem próximo do que seria um plano de aula. Não discuto aqui as intencionalidades de quem os escreve, as funções/possibilidades que os desfiles possuem/promovem, tampouco a subjetividade de quem lê esses livros e/ou vê os desfiles. A chave dessa discussão é a potencialidade do documento enquanto ferramenta pedagógica.

Entre as muitas coisas que contém estes documentos apresento algumas por mim consideradas relevantes:

- Na “Ficha Técnica do Enredo” tem destaque a lista de obras referenciais na construção da narrativa do carnavalesco ou enredista. São citados (as) autores de diferentes campos e cantos, leituras de diferentes formatos, obras de diferentes valores. Revelam a existência de um embasamento teórico para a construção da apresentação carnavalesca;
- Nas partes “Histórico do Enredo” e “Justificativa do Enredo” são apresentadas as intenções do autor do enredo, ora por meio de uma escrita mais poética, ora por meio de escrita mais objetiva. Geralmente é na justificativa que são apresentados os setores dos desfiles. Em média são 5 os setores. Alegorias, tripés, fantasias e alas vão compor os setores, a partir de critérios do carnavalesco. A tendência é que, na exposição desses setores, se tenham um entendimento prévio da narrativa do desfile;
- No “Roteiro do Desfile” se destaca, de fato, uma descrição minuciosa de todo o desfile, indicando os setores, quem e o que se enquadra em cada um destes setores, suas respectivas identificações e posições. Se o que está no documento não bater com o que é apresentado na Avenida, a escola pode ser penalizada. É interessante ver nesta seção, para além dos nomes das alegorias, setores e fantasias, o nome das alas. Fazem referência, com frequência, a elementos da agremiação ou dos seus componentes (ex: “ala avante mangueira”, “ala sangue verde e rosa”, “ala vendaval”, etc);

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- Na “Ficha Técnica das Alegorias” é identificado o criador dos carros alegóricos (cenógrafo) e dos tripés/elementos cenográficos, os seus respectivos nomes e suas representações. Um desenho/esboço da alegoria, tal como seus destaques (com nome e profissão) e composições, são apresentados também. Chama a atenção nesta seção a identificação da equipe que auxilia o cenógrafo na confecção das alegorias: ferreiro, escultor, carpinteiro, pintor, mecânico, eletricitista, diretor do barracão, entre outros membros. Aqui se reforça o senso de coletividade e de profissionalismo presente na festa;
- Na “Ficha Técnica das Fantasias” é identificado o criador das fantasias (figurinista), os seus respectivos nomes, representações e responsáveis. Neste último elemento ganha notoriedade os diretores de harmonia (“responsáveis pelas alas”), que são as pessoas encarregadas pelo controle, organização, incentivo e canto dos desfilantes. Desenhos/esboços das fantasias são apresentados, tal como são identificados os nomes dos membros da equipe que auxilia o figurinista na elaboração das fantasias: costureiros, chapeleiros, sapateiros, aderecistas, etc;
- Na “Ficha Técnica do Samba Enredo” são apresentados inúmeros dados e nomes: a letra do samba enredo, seus compositores, o presidente da ala dos compositores, seus membros (o número total de envolvidos, seu componente mais velho e seu componente mais novo) e, geralmente, uma argumentação e defesa em torno da letra do samba. É apresentado nesses casos o modo como o samba enredo dialoga com o enredo, em que partes eles são interligados;
- Na “Ficha Técnica da Bateria” chama a nossa atenção, para além da identificação do diretor geral da bateria/mestre de bateria, da identificação dos seus diretores/auxiliares e do número de ritmistas, a descrição detalhada do número de componentes por grupo de instrumentos: 32 tamborins, 22 cuícas, 74 taróis, etc. Em alguns casos são apresentadas informações acerca dos mestres e/ou das rainhas de bateria, onde são explanadas as suas trajetórias no mundo da música. Em outros ainda são justificadas as bossas (ou “paradinhas”) da bateria e o uso de determinados instrumentos;
- Na “Ficha Técnica da Harmonia” são apresentados e identificados todos os envolvidos com o canto da escola, do diretor geral de harmonia da escola, passando pelo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

interprete/puxador oficial e seu carro de som (cantores auxiliares e músicos) até os diretores de harmonia (responsáveis pelas alas);

- Na “Ficha Técnica da Evolução” há uma referência, na maioria das vezes, ao que foi exposto na ficha técnica anterior. O quesito evolução se relaciona ao modo como a escola se porta no seu desfilar, ao modo como, literalmente, ela evolui pela Avenida. A responsabilidade disso passa, muitas das vezes, pela direção de harmonia da escola. Aqui, na parte onde se apresentam “outras informações julgadas necessárias”, recurso usado em outras seções do documento, geralmente são expostas informações de alas e grupos específicos da escola, como por exemplo, a ala de passistas;
- Na “Ficha Técnica de Informações Complementares” são identificados presidentes e diretores da escola, e são apresentados os notáveis (as celebridades) que farão parte do desfile. Chama a atenção nesta seção as identificações acerca de três importantes alas/setores das escolas: ala das crianças, ala das baianas e velha guarda. Cabe ressaltar também, mesmo que não faça a escola perder ponto no concurso, a importância dos demais aqui identificados, o futuro e o passado das agremiações;
- Na “Ficha Técnica da Comissão de Frente” são identificados os responsáveis (coreógrafos), o total de componentes (limitados pelo regulamento do desfile), seus respectivos gêneros e uma justificativa da apresentação do grupo;
- Na “Ficha Técnica do Casal de Mestre Sala e Porta-Bandeira” são apresentadas as informações acerca dos casais (geralmente 3 ou 4), suas fantasias e respectivas representações e trajetórias.

O carnavalesco costuma ser o responsável por alguns destes itens, não todos. Seriam eles: “Ficha Técnica do Enredo”, “Histórico do Enredo”, “Justificativa do Enredo”, “Roteiro do Desfile”, “Ficha Técnica das Alegorias” e “Ficha Técnica das Fantasias”. Há um envolvimento indireto no item que se refere ao samba enredo, visto que os compositores se apoiam na sinopse para a elaboração da obra musical. Acredito que os demais têm muito valor também, mas neste trabalho eles podem ser negligenciados por essas razões apresentadas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O compartilhamento da autoria no desenvolvimento de narrativas carnavalescas

Este trabalho imagina o desfile carnavalesco como um espaço e potente aliado ao ensino de História. Os objetivos das escolas de samba ao apresentarem seus enredos e desfiles podem ser outros muito diferentes destes que são meus. Contudo enxergo o cortejo como parte daquilo que Liddington (2016) chama de “uma explosão de representações populares do passado”. A partir da mobilização de recursos textuais presentes nas narrativas produzidas por carnavalescos, principalmente, e em menor escala de recursos sonoros e visuais dos desfiles, minha ideia é investigar os mecanismos destas produções, tal como o modo como os seus espectadores as recebem.

Há um uso e consumo da história nos desfiles e, para mim, isso não pode ser descartado nos espaços escolares. Por promover o encontro de manifestações artísticas que chamam a atenção dos jovens (a dança, o canto, o ritmo, o texto, etc) o espetáculo é e pode ser ainda mais útil ao ensino de História. As narrativas transmitidas na Marquês de Sapucaí, a meu ver, podem colaborar para construção de propostas metodológicas de ensino de história que favoreçam processos de promoção de igualdade social, de valorização e respeito a diferenças. O samba há de ser e fazer escola.

Hermeto (2012), ao dar enfoque na canção popular brasileira como objeto da prática docente em História no Ensino Médio, mobilizou o conceito de “circuito das comunicações”, de Darnton, ao problematizar a relação entre produtor(es) de obras musicais e de sua recepção pelo público. Entre estes existem uma série de elementos fundamentais para o trânsito da produção (produtores, jornalistas, designer gráfico). Ao pensar nessa relação considero que no carnaval das escolas de samba existe um movimento parecido. Um desfile é fruto de uma complexa engrenagem que envolve profissionais e voluntários, artistas e espectadores. Aqui falo de ferreiros, carpinteiros, foliões, ritmistas, dançarinos, seguranças, artistas, entre muitos envolvidos na “festa”. Desse modo parto de um princípio que estabelece os desfiles e os conhecimentos de História neles propostos como sendo fruto de uma autoridade compartilhada, já que “o processo de interpretação e construção de significados é, por definição, compartilhado” (Frisch, 2016, p. 62).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Suponho que o diálogo com carnavalescos, no ponto de vista desta pesquisa também promotores de História Pública, permita aquecer o debate que se relaciona a rejeição da possibilidade de outros profissionais mobilizarem saberes incitados pela historiografia. Descortinar e descobrir apropriações populares do conhecimento histórico produzido academicamente pode contribuir para a melhor compreensão da sua circulação e legitimidade. Assim, sugiro a promoção de diálogos, tal como Frisch, “uma conclamação inesperada ao diálogo ativo, concreto, público, entre pessoas reunidas em um espaço social comum” (Frisch, 2016, p. 68).

Assim sendo, tendo encontrado “abrigo” nos autores e nas leituras do campo chamado de História Pública, entendo que no carnaval, lugar onde a história circula no meio das massas, do grande público, há um contexto que reverencia, esclarece, empodera e politiza o passado. Conectar-se a esse cenário carnavalesco pode permitir reflexões relevantes e vivas para o ensino de História. A História Pública

(...) geralmente tenta construir uma ponte entre as análises detalhadas, nuançadas e profundamente investigadas dos historiadores acadêmicos e uma curiosidade histórica aparentemente insaciável, embora as vezes restrita e impaciente, do público em geral. (...) Hoje, a História Pública é abrangente, empolgante, cativante e provocativa. (ZAHAVI, 2011, p. 53)

A mobilização do conhecimento histórico pelos carnavalescos que apresentam seus trabalhos na Sapucaí não é inferior ao que é promovido em ambientes educacionais, tal como também não é fruto de experiências únicas, solitárias e isoladas destes próprios ambientes; é preciso reconhecer autoridade nessa produção, compartilhar das fontes desses saberes e entender como se dá o processo de recepção e agenciamento do público folião e espectador do desfile destas narrativas do passado.

Nós, professores de História, não somos há tempos os únicos a compartilhar conhecimento e saberes históricos. Fora do universo escolar também existem formas eficazes de transmissão destes saberes, como por exemplo a internet, a televisão, a imprensa e outros meios. Tal fato e as inúmeras questões que o circundam nos colocam um grande desafio: como lidar com as diferentes estratégias e operações de conceitos e práticas que também pertencem e estão sob o domínio de artistas, jornalistas, influenciadores digitais, entre outros? Me parece instigante investigar as apropriações da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

História em diversificadas produções culturais e midiáticas e avançar sobre aquilo que Andrade e Andrade (2016) chamariam de “conhecimento constituído em rede”.

O carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro se coloca como um destes espaços de circulação de saberes e experiências embora as vezes ultrajado por segmentos conservadores. Há décadas a academia acolhe discussões e trabalhos relativos ao carnaval, reconhecendo os desfiles como produto cultural, político e estético de construto social. Não a toa, inúmeros cursos de graduação e pós graduação nas áreas de comunicação, geografia, letras, antropologia, história, turismo, economia, dança, educação física, entre outros, admitirem pesquisas sobre a temática.

É características das Escolas de Samba a necessidade de contar uma história e a cada ano ela tem de ser diferente. Essa característica origina todas as outras etapas subsequentes, até culminar com o desfile. O enredo, portanto, é quem conduz a letra e a melodia do samba. Também orienta a criação e execução dos trajes, o desenho dos carros alegóricos, a escolha das cores e dos efeitos coreográficos, assim por diante.

Quem e como se conta essa História na Sapucaí, assim como, quem a escuta e como se escuta do ponto de vista da compreensão são algumas das questões que tenho buscado responder. Vislumbro ampliar a compreensão e o impacto que as histórias que são contadas e apreendidas pelo público dos desfiles da Sapucaí desempenham. O trabalho que o carnavalesco Leandro Vieira apresenta nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro do Grupo Especial desde o ano de 2016 pelo GRES Estação Primeira de Mangueira se constituirá como parte fundamental da pesquisa proposta. Por meio de entrevistas com o carnavalesco, seus auxiliares e seu público, além de análises dos seus trabalhos na referida agremiação, considero ser possível questionar de que maneira o mesmo reconhece e legitima o uso de saberes históricos na sua produção, se ele se inscreve, se aproxima, rejeita e/ou se identifica como historiador e/ou professor de História e, mais ainda, qual seria a sua preocupação com os espectadores e os envolvidos do e no seu ofício, respectivamente.

Me interessa estabelecer um diálogo envolvendo diversos atores do universo do carnaval tais quais o carnavalesco, os foliões, espectadores do desfile na Marquês de Sapucaí. Além disso, busca compreender o papel exercido pela História Pública e pelos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

estabelecimentos oficiais de ensino de História, notadamente as escolas do ensino básico sem, no entanto, se pautar em lógicas hierarquizada de saberes. Assim sendo, esse estudo busca suscitar reflexões de qual é o papel do carnaval em geral e dos enredos carnavalescos desenvolvidos por Leandro Vieira especialmente como estratégias de difusão do conhecimento histórico visando a transformação política dos receptores e participantes dos desfiles.

Além dessas questões acredito que a promoção e mobilização de conhecimentos históricos para, a partir e com diferentes audiências, contribuiria para o combate a negacionismos históricos, para a aproximação da sociedade com ambientes acadêmicos e para a popularização de pesquisas e conceitos que circulam em universidades.

Considerações finais

“Não entendi o enredo desse samba, amor / Já desfilei na passarela do seu coração...”⁴ Possivelmente, essa canção imortalizada na voz de Jorge Aragão, permitiu o primeiro acesso de muitos ao sentido da palavra enredo. A letra da música apresenta várias referências ao universo carnavalesco e, no fim, revela a perda de um amor. Certamente o enredo não se apresenta plenamente satisfatório ao eu lírico da canção. Certo é que, longe de se relacionar a amores perdidos ou encontrados, para este presente trabalho, o enredo de uma escola de samba se refere a narrativa escolhida pela agremiação a fim de ser carnavalizada, explorada por meio de fantasias, alegorias, danças, versos e poesia. A partir dos seus enredos, as escolas de samba se assumem emissoras de narrativas, tal como proponho. Sem obrigação de ter plenos laços com a verdade, os enredos são construções simbólicas de artistas, carnavalescos e/ou enredistas, servindo como sustentáculo de toda a apresentação artística da escola.

Penso existir um ponto de encontro envolvendo a tarefa do historiador e a tarefa de quem elabora os enredos carnavalesco: ambos misturam o rigor técnico e a eloquência.

⁴ “Enredo do meu samba”, samba composto por Dona Ivone Lara e Jorge Aragão, gravada pelo cantor no seu disco “Jorge Aragão - Ao Vivo”, em 1999.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A necessidade de ser preciso e impactante ocupam as intenções e práticas de ambos os profissionais.

Parto de um princípio que considera ser o carnaval não apenas o ambiente da festa e da alienação, mas também o momento de atuação social e política. A festa pode ser o momento de revelação de pautas identitárias e sociais de extrema relevância. Há um diálogo forte envolvendo os desfiles e a sociedade que constrói e participa destes desfiles.

Os desfiles das escolas de samba teriam então uma possibilidade de entrada nas propostas do ensino de História? Os desfiles têm um caráter pedagógico? Os conteúdos propostos por enredos de escolas de samba são pedagógicos? Diria que sim, que pode ter essa serventia. Nikitiuk (2001) indica como orientação para o ensino de História a promoção de “uma prática pedagógica aberta e dinâmica”. Logo se faz possível fazer essa aproximação, esse diálogo. Tal análise guarda proporções, limites e características típicas destes dois universos.

a forma de desfile sequencial com encadeamento das ideias, como em uma “aula”, é um requisito também solicitado pela Avenida, além do que afirmam os historiadores do carnaval (ARAÚJO, 2000; CABRAL, 2011; CAVALCANTI, 2006; FARIAS, 2007) quando narram a maneira de desfilar das escolas de samba, dos ranchos e grandes sociedades, haja vista que de outra forma seria inconcebível pensar o desfile e compreendê-lo. (SOARES E LOGUERCIO, 2017, p. 164)

O desfile de escola de samba não tem exclusivamente, até onde penso e imagino, a pretensão ou preocupação de ser pedagógico, de ser ferramenta que auxilia o ensino de qualquer disciplina escolar. O desfile tem seu caráter cultural, comunitário, artístico, comercial e turístico. Contudo, neste trabalho, minha preocupação é utilizá-lo como ferramenta pedagógica. Não sou o primeiro, nem serei o último. Sei que existe quem pensa não ser possível essa associação e uso. Mas é a minha escolha e o meu desafio.

Referências Bibliográficas

. ANDRADE, Everardo Paiva de; ANDRADE, Nívea. História Pública e educação: tecendo uma conversa, experimentando uma textura. In: MAUAD, Ana; ALMEIDA,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Juniele; SANTHIAGO, Ricardo. (Org.). História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo (SP): Letra e Voz, 2016.

. ARENDT, Hannah. “O conceito de história – Antigo e Moderno”. In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1992.

. FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única ou De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In.: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de, SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). História pública no Brasil – sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-71.

. HERMETO, Miriam. Canção popular brasileira e ensino de história: palavras, sons e tantos sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

. LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 31-52.

. MOREIRA, João G. “Só com a ajuda do santo”. O enredo como um aliado para uma proposta de ensino intercultural de História. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História. Programa de Pós-graduação em Ensino de História. 2020.

. NIKITIUK, Sônia (org.). Repensando o ensino de História. São Paulo: Cortez, 2001.

. SOARES, Alessandro Cury; LOGUERCIO, Rochele de Quadros. Do enredo à Passarela do Samba: a visibilidade da ciência no carnaval. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p. 159-180, mai. 2017.

. WERLE, B. Acessibilidade documental e autoridade compartilhada: pela construção de uma história pública. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 429 - 449, 2017.

. ZAHAVI, Gerald. “Ensinando história pública no século XXI”. In: Almeida, Juniele Rabêlo de; Rovai, Marta Gouveia de Oliveira (org.). Introdução à história pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 53-63.